

*Vida, Essência de Deus e Elevação  
do Homem*

Augusto Pires da Mota



Tecto de Nuvens

**Título**

Vida, Essência de Deus e Elevação do Homem

**Edição**

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

960131916; geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

**Coordenação literária de**

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

**Autor**

Augusto Pires da Mota

**Capa**

Carla Pinto (a partir da pintura “Fontenário” de Joana Pires da Mota)

**Revisão**

Tecto de Nuvens

**Concepção Gráfica**

Tecto de Nuvens

**Paginação**

Tecto de Nuvens

© *Augusto Pires da Mota*

*Direitos reservados segundo a legislação em vigor*

**ISBN:** 978-989-8197-63-4

**D.L.** 425381/17

Texto baseado no novo Acordo Ortográfico

*O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.*

A gerência da Tecto de Nuvens

## **Prefácio**

«Vida, Essência de Deus e Elevação do Homem» é um livro decalcado na dinâmica dos Cursos de Cristandade, onde servi a Igreja, como Diretor Espiritual.

Em cada uma das páginas desta obra, palpita o espírito que animou, nesses recuados tempos, milhares de cursistas e, um pouco mais tarde, a multidão dos irmãos que integram a grande família do Renovamento Carismático Católico e, mais em concreto, o grupo que Paz e Bem, a funcionar na Casa de Saúde da Boavista.

Foi mais o que recebi, nestes dois movimentos da Igreja, do que o que lhes dei. Por isso, lhes dedico, com saudade e gratidão, este precioso trabalho, pela doutrina, que nele, ousadamente, exponho, lamentando ficar a milhas do que tais ensinamentos merecem.

Augusto Pires da Mota, Março de 2017

por Cristo Jesus. Só penso lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta...» Filip. 3, 8-14.

Se a fé é uma vida e a meta é Cristo, temos de continuar a correr como Paulo, para alcançarmos este objetivo.

O cristão não nasce, mas faz-se. Temos de ser laboratórios vivos da graça, pois há vocação universal à santidade.

Se a fé é uma vida, tem de ser assumida e interiorizada.

O escritor José Saramago dizia que a única coisa que o tocou foram uns pingos de água. A água é um sinal de purificação interior e ninguém toma banho com uns pingos de água na cabeça. É preciso mergulhar profundamente, deixar-se penetrar. Não basta ter um coração limpo, é preciso ter um coração cheio, pois é da abundância do coração que falam os lábios. Andar com o nome de Deus na boca sem o ter no coração não faz sentido. Deus é imenso, onde está, ocupa o espaço todo, não sobra nada. Nunca poderemos escapar à sua presença.

## Essência do Cristianismo

A vida de fé é o elemento nuclear, específico e distintivo do cristianismo de tal forma que existência cristã e existência crente se identificam.

Obrigatoriamente, a fé faz de nós cristãos, discípulos de Cristo. A fé não é um elemento novo, que advém à existência cristã já conseguida, mas é o próprio ser cristão.

A fé é elemento constitutivo do cristianismo e, por isso, os primeiros homens que se tornaram discípulos de Cristo designavam-se e eram conhecidos como crentes «oi pistoi». «Todos os crentes eram unidos e possuíam tudo em comum» Act. 2, 44; «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma» Act. 4, 32; «sempre em maior número, se agregavam, em massa, homens e mulheres, acreditando no Senhor» Act. 5, 14; «Juntaram-se aos crentes cerca de três mil almas» Act. 2, 41.

As cartas aos Efésios e Colossenses estão endereçadas aos fiéis, aos crentes, aos santos que creem em Jesus Cristo, Ef. 1, 1; Col. 1, 21. Só mais tarde aparece o nome de cristãos, em Antioquia.

A vida é o núcleo, o centro da mensagem do Senhor e a essência do cristianismo.

Essência é aquilo pelo qual uma coisa é aquilo que é e não pode ser outra coisa. É aquilo pelo qual uma coisa se define, se distingue e se afirma.

Todas as gerações cristãs interrogaram-se, dum ou doutro modo, sobre a essência do cristianismo, o centro, o absoluto, à volta do qual a identidade cristã se constrói. Cada geração, cada teologia, cada espiritualidade deu a sua resposta,

acentuando mais um ou outro aspeto, sobretudo na vivência cristã.

Ao longo dos tempos, os homens têm ensaiado diversas definições de cristianismo como acontecimento ou realidade histórica, focalizado apenas pelo exterior.

Será para uns uma organização histórica centrada no papa, máquina bem montada, coesa, com todas as peças e engrenagens a trabalharem em sincronia. Quando uma destas peças falha, segundo os esquemas preestabelecidos, quando surge contestação ou aparente dissidência, como aconteceu com Galileu, cai o Carmo e a Trindade. Máquina organizada e predeterminada, de costas voltadas para os sinais dos tempos, que reage ao retardador, orgulhosamente só, que mais tarde se envergonha e pede perdão.

Para outros será uma civilização, uma cultura, com larga influência na política, na literatura, na arte.

Na política. Houve tempos em que o papa tinha o poder de depor os imperadores e coroar os reis, que lhe prestavam vassalagem. Era o poder temporal da Igreja e com o qual nada adiantou, pelo contrário. Apesar de todas as desculpas e subterfúgios, a Inquisição continuará a envergonhar-nos.

Uma civilização que influenciou profundamente a arte: a pintura, a escultura, a arquitetura, etc. Admiramos essas formidáveis basílicas e catedrais que oprimem a terra; custódias riquíssimas que embelezam as procissões, pinturas como as da capela Sistina, estátuas como a de Moisés do escultor Miguel Ângelo, etc. Uma civilização que deixou marcas profundas na Literatura mundial e na nossa Literatura, em concreto, desde a poesia trovadoresca: Gil Vicente, F. Lopes, Camões, Bocage, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, etc. Os filmes bíblicos deram sempre lucros fabulosos.

Para outros, cristianismo é um movimento social que aboliu a escravatura, dignificando a própria dignidade humana. Tenhamos em conta esse lutador incansável e indómito que foi o Padre António Vieira, no séc. XVII, na defesa dos índios aborígenes brasileiros contra a ambição desmedida e despótica dos bandeirantes; o dinamismo do papa João Paulo II na luta contra a miséria e a ambição dos homens, nas suas viagens apostólicas. Movimento social que dignificou a mulher, até então considerada como um objeto, um instrumento de prazer; propriedade do pai, antes do matrimónio, depois, propriedade do marido com direito de vida e de morte sobre ela; à qual não se pedia consentimento para casar, sendo negociada como qualquer cabeça de gado.

Movimento social que dinamiza as multidões e se impõe com a força das suas confrarias, congregações e cerimónias e com a imponência dos seus cortejos e procissões; só no cortejo da inauguração do último concílio incorporaram-se dois mil bispos.

Para outros, cristianismo será um sentimento religioso, isto é, o homem colocado perante a vontade de se prolongar para além da morte. A filosofia

humana é impotente perante o problema da necessidade e ânsia de o homem viver para sempre. A morte é uma condição contraditória, um enigma que a filosofia não resolve. O homem luta pela vida e a morte tudo destrói. Não morrer tem no cristianismo uma resposta. O homem não fica eternamente na sepultura. É a força do mistério pascal, «Se Cristo ressuscitou, também nós».

Ora tudo isto será cristianismo? É. O cristianismo é uma civilização, um movimento social, uma organização histórica. São fatos, é trabalho de muitas gerações, expressão de muito sacrifício, de muita fé, de vida cristã.

Tudo isso merece respeito e compreensão. É a visibilidade social da expressão da fé: catedrais, procissões, etc. O cristianismo não é só um aspeto da interioridade do homem, mas pertence a todos os homens na convivência social, é universal. A fé é uma vida e não um sistema estandardizado de formas iguais para todos. O cristianismo é uma vida encarnada, encarna nas diferentes estruturas e culturas, mas não se identifica com nenhuma, porque o Deus dos cristãos não é um ser entre tantos outros, mas o próprio ser, está em todos os seres e além deles, é imanente e transcendente. Alguém chamou ao cristianismo uma religião emigrante, porque, desde a cultura hebraica, passa a todas as culturas e civilizações para as envolver e transformar.

Como imanente, Deus é uma experiência viva, encarna em todas as civilizações, mas transcende-as sempre, não fica aprisionado por qualquer experiência humana, nenhuma estrutura ou cultura o pode monopolizar, Ele está acima, é universal, é o libertador.

Deus não se pode captar, está sempre mais além, por isso Israel proibía as imagens. Como diz S. Paulo, o Deus dos Patriarcas faz-se grego e latino, não é ocidental nem oriental, é universal, porque é transcendente.

Quando o cristianismo se converte numa ideologia, identifica-se com qualquer cultura ou estrutura humana, ideologia por ventura combativa e antagónica de qualquer outra. Neste momento, o cristianismo perdeu a sua identidade, deixa de ser cristianismo, porque o Deus dos cristãos é transcendente e, por isso, universal.

Todas aquelas manifestações culturais e sociais são apenas o invólucro dentro do qual está o essencial, o nuclear; são apenas o exterior, o sensível, a rama e o essencial para a árvore não é a rama, embora esta seja uma condição e manifestação de vida, o essencial é a raiz e a seiva. Tudo isso é um adorno ou complemento, exuberância ou manifestação exterior de algo mais profundo. Tudo isso é a periferia, vocábulo híbrido formado pelo prefixo grego «peri», que significa à volta de e o verbo latino «fero» que significa transportar. Os primeiros cristãos chamavam-se cristíferos ou portadores de Cristo. A palavra, em si mesma, significa o que anda à volta de um núcleo. Periferia é a circunvalação que envolve a cidade do Porto. Tudo isso é uma circunstância, palavra derivada do prefixo latino «Circum» e o verbo «sto», que significa estar à volta de.

Operou-se em nós uma mudança profunda, de tal forma que não só parecemos, mas somos semelhantes a Deus, não só parecemos, mas somos verdadeiramente filhos de Deus. A transformação foi no ser e não apenas no operar, pois, pela graça o homem regenera-se, nasce de Deus e para Deus. É um homem novo. Sem a graça o homem fica reduzido à terra do velho Adão.

A graça não é um acidente, que nos deixa com o mesmo ser e nos dá uma aparência diferente, mas não nos transforma. O cristianismo não é para fazer homens melhores na ordem da natureza, mas homens novos na ordem do espírito, pois a conversão vai na ordem do ser «Ódres novos para vinho novo.» Esse homem, que conhecestes noutros tempos, morreu, desapareceu para sempre, ouvimos dizer, às vezes. A graça é um elemento divino e regenerador, princípio radical de vida sobrenatural e causa da nossa justificação.

O efeito transformador da ação divina no homem é a santidade, vida nova, nova criação, mistério pascal, morte e ressurreição.

O mistério da graça é uma semente de vida lançada no espírito do homem, que o transforma intrinsecamente e lhe infunde um novo ser, um vigor novo e o capacita para realizações sobrenaturais.

A roseira brava produz rosas bravias, como é natural. Enxertando nela um garfo duma roseira diferente, o arbusto bravo recebe uma seiva nova, novas forças e vida nova, que lhe dá a possibilidade de produzir rosas bonitas. Assim pela participação da vida de Deus, pela graça, produzimos obras divinas, dignas da vida eterna.

O ferro penetrado pelo fogo, não deixa de ser ferro, mas toma as propriedades do fogo e, como ele, ilumina, aquece, queima e consome. Assim a alma em graça permanece uma substância criada, finita, imperfeita, mas com uma vida nova. O humano e o divino estão nela estreitamente unidos como o ferro e o fogo em massa incandescente.

«Do mesmo modo que a gota de água, misturada no vinho, adquire a cor, o aroma e o paladar do vinho, assim a nossa alma, unindo-se com Deus, participa dos bens divinos», diz S. Gregório Nazianzeno.

Recebendo a justiça por Cristo, os homens não se vestem, revestem-se, renovam-se. O Senhor nasce no coração do homem convertido. «Estabelecerei com a casa de Israel uma aliança nova. Hei-de imprimir a minha lei no íntimo da sua alma gravá-la-ei no seu coração» Jeremias 31, 31-34.

Deus entra em comunhão com o povo que O escuta e é fiel à aliança. Esta é a nova realidade, uma nova situação de abertura dialogante com Deus.

Revelando-se em Jesus, Deus cria uma nova humanidade. Cristo ressuscitado é o homem novo que nos dá o seu Espírito, segundo o qual opera uma nova criação, uma nova humanidade, um homem novo, recriando-o à imagem e semelhança de Deus, como fora inicialmente pensado, criado e predestinado. A alma deste homem e humanidade nova é o Espírito Santo. Jo. 20, 19-31.

Urge que o homem se converta à natureza e à humanidade, mas para tanto, é necessário que se reconcilie consigo mesmo, a nível da inteligência e da vontade, das ideias e dos sentimentos, pois só o amor traz harmonia ao universo.

A mudança de atitudes é fruto da mudança interior. Jesus rejeitou todo o envolvimento político, não se imiscuiu, demasiadamente, nas coisas externas, mas preocupou-se pela transformação interior do homem, pela metanóia ou mudança do coração, dizendo que no coração se aninha o bem e o mal e é da abundância do coração que falam os lábios. É «no coração, também, que começa a refazer-se o elo perdido, que restitui a cadeia dos seres». O coração é o órgão transmissor dos sentimentos do espírito. A ânsia de poder e domínio nascem do coração. A conversão ou transformação interior levam à reconciliação consigo mesmo e com os outros, à comunhão e união fraterna, ao acolhimento e perdão, ao respeito para com a natureza. «Eu, pecador, me confesso a Deus Pai, todo poderoso e a vós irmãos...».

Jesus deu-nos o mandamento do amor, a liberdade perante a lei, a dignidade de todos os homens, o perdão e a misericórdia do Pai e um sentido à vida com a ressurreição. A ressurreição é a passagem da morte à vida, a conversão também é a passagem de uma situação de morte para uma situação de vida. Pela conversão, o Filho Pródigo encontra-se de novo consigo mesmo na fé, na adoração, no louvor, na esperança e na caridade do Pai. A lei de Deus é a lei da conversão e do conhecimento espiritual permanente, como diremos em capítulos posteriores.

Quase todas as revoluções acabam por ser uma simples mudança de dono, pois nem as guerras, nem as injustiças, nem a crueldade acabaram de vez. Aboliu-se a escravatura como instituição, mas ela continua disfarçada de muitas formas. A porcaria é sempre a mesma, só mudam as moscas.

A mudança tem de ser mais profunda, a começar por cada um de nós, como microcosmos, expressão dum macrocosmos, que é o universo, onde estamos inseridos. A conversão do homem tem um impacto cósmico, como dissemos no capítulo anterior, ao abordarmos a reversibilidade dos nossos atos bons ou maus, para bem ou para mal.

Herodes sobrecarregava o povo com impostos pesados. Um alto funcionário do Império Romano sugeriu a Tibério a retirada de Herodes. O imperador responde: - Um homem, empastado de sangue, gemia, caído na berma do caminho, coberto de moscas e poeira. Passaram alguns transeuntes e não fizeram caso, porém, alguém pega numa frança verde e enxota-lhe as moscas. O doente disse-lhe que as deixasse, porque aquelas já estavam fartas, e depois, viriam outras esfaimadas que o matariam.

O mundo foi sempre assim, um oásis de paquidermes e sanguessugas, de corruptos e exploradores. O inferno somos nós próprios, diz T. S. Elliot. «É

a crónica do passado, a história do presente, o programa do futuro.», disse Almeida Garrett, já citado.

A conversão individual é a solução para todos os problemas sociais de conjuntura e até estruturais. Não temos outro caminho para a recuperação de estruturas corruptas. «Um pajem observa ao rei de Espanha: «A Espanha é um covil de ladrões»; «Sê tu e seja eu santo e serão dois ladrões a menos», responde o monarca.

O dever moral aparece, hoje, mais do que nunca, ligado ao instinto biológico de sobrevivência. Urge fomentar um novo humanismo de humildade que substitua o triunfalismo da ambição e da posse promovido pela técnica, pelo individualismo e consumo desregrado, selvagem.

O mundo cresceu demasiadamente no corpo e o espírito não acompanhou a evolução, pelo contrário. Apesar de muitas coisas boas, que o progresso nos traz, existem situações tremendas, que nos encham de pavor e apreensão. Somos vítimas do progresso. Noutras publicações, abordaremos o assunto.

O crescimento material não pode conceber-se sem o correspondente crescimento cultural e moral. Não há proporção entre um corpo grande e uma alma pequena, atrofiada. Nestas circunstâncias, aparece o monstro, de que fala Camões e Virgílio: «Forma ingens», descomunal, montanha de carne, segundo Eça de Queirós. Corpo a mais e espírito a menos. Cabeça oca e pequena dependurada num corpo de grandes proporções.

«Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena». Nestas palavras de Fernando Pessoa, está a solução para o desequilíbrio, que tem a assinatura do homem, por isso lhe chamamos imoral.

A ecologia e o equilíbrio da natureza são um problema moral de todos os homens.

Temos obrigação moral de prevenir e acautelar a sobrevivência e até a qualidade de vida.

A lua dos nossos sonhos não é habitável, para nos transportarmos, com armas e bagagens, para lá. «Sobe, sobe, balão sobe!...». Urge tornar a terra habitável, humanizando-a, limitando as nossas ambições, pois a terra foi criada para todos e não só para alguns.

A salvação da vida na terra é uma responsabilidade teológica, que pesa indistintamente sobre todas as comunidades religiosas do globo, de qualquer designação. Levar Deus ao mundo, pois o mundo é de Deus, e Deus sem o mundo leva ao aparecimento dum mundo sem Deus, diz Leonardo Boff.

Só o amor é caminho para uma eficaz redenção cósmica, só ele traz harmonia ao mundo e nos leva a desfrutar as coisas boas da natureza sem a violentar ou destruir.

Só o amor nos leva a trabalhar ao ritmo da vida sem interromper o êxtase da sua beleza. Só o amor nos leva a respeitar a torcida que ainda fumeja, a

do Reino de Deus, na terra dos homens.

E, se nos considerarmos «servos inúteis», reconhecendo tudo quanto Deus criou para desfrute do homem e faz por nós, no quotidiano cinzento das nossas vidas, então acertamos, em cheio, na verdade e encontramos o caminho duma criatura na presença do seu Criador, o único que nos leva à realização plena.

Deus não aparece, no nosso mundo tecnológico, como um fenómeno. Se o fizesse, também seria objeto de análise, seria um ídolo e não um mistério. Pregar um Deus sem o mundo teve, como consequências, o aparecimento do mundo sem Deus. «A tolerância, que admite Deus, como opinião privada, recusando-lhe o domínio público, a realidade do mundo e da nossa vida, não é tolerância, mas hipocrisia», Bento XVI.

### **Integração no Plano Salvador**

Somos peregrinos da eternidade, mas temos de passar pela terra, onde possuímos a nossa morada e os haveres, embora duma forma não permanente. Encostados ao nosso bordão, vamos progredindo, em demanda do nosso destino extraterreno, mas é na terra, como instrumentos conscientes do poder criador de Deus e prolongamento do seu braço, que nos realizamos e cumprimos os seus desígnios.

O reino de Deus não é deste mundo, mas é aqui que ele se começa e ganha nas tarefas e coisas de todos os dias. Os bens do cristianismo não são à hora da morte. É no tempo e não na eternidade que a fé se exerce; embora sejamos homens de esperança, de olhos no céu, temos os pés bem assentes na terra. Façamos o bem, enquanto tivermos tempo, «dum tempus habemus, operemur bonum», pois chegará a hora, em que, «tempus non erit amplius», não teremos mais tempo. Olhando para o céu, não devemos desprezar a terra, a indústria, o comércio, etc.

Tudo isso tem um sentido positivo e está objetivamente determinado a um fim, segundo o mandato divino: «crescei, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra».

Aliás, todas as coisas, pela criação, estão objetivamente determinadas à construção do mundo, mas, desde que foram assumidas pela Encarnação do Verbo de Deus, encontram-se como com dores de parto, para uma nova criação, um novo céu e uma nova terra, que é a redenção de Cristo. 2ª Pedro, 3, 13.

Por isso, importa que todas as realidades humanas sejam também subjetivamente orientadas nesse sentido, dando consciência a quem as

realiza, a consciência de que o homem é um instrumento e um colaborador de Deus, ao tornar a terra mais humana, mais habitável. Desta feita, estamos a construir a teologia das realidades terrenas. E assim as coisas, que, pela criação, são orientadas para a realização, dignificação e salvação do homem, são encaminhadas pelo mesmo homem, assumido como instrumento consciente do poder criador de Deus e seu prolongamento no tempo. Tudo fica, deste modo, referido a Deus, não só objetivamente, desde a criação, mas também subjetivamente através da orientação consciente do homem em referência ao sobrenatural.

Toda esta dinâmica espiritual é a aplicação subjetiva, individual, dessa redenção objetiva, operada por Cristo e pela qual foi restaurada a vida divina, em que o homem fora criado e que perdera com o pecado original. «Eu completo em mim o que falta à paixão do Homem - Deus», diz S. Paulo.

O cristianismo não desumaniza nem aliena, porque é uma encarnação, a encarnação do dom de Deus em todas as dimensões da vida.

A presença de Cristo desafia-nos a tornar a vida cada vez mais humana e mais divina. Ele, o pobre carpinteiro de Nazaré.

O cristianismo é um apelo a vivermos preocupados com tudo aquilo que se relaciona com a nossa humanidade, com o progresso e as coisas da terra, para lhes darmos uma nova vida, uma nova força, um novo dinamismo, pois tudo ficará informado pela vida de Deus.

Não desprezamos a terra, ganhamos o pão de cada dia, fomentamos o progresso, lutamos pelo nosso êxito profissional, não para ficar com ele, mas, num sentido de pobreza e abnegação evangélicas, o colocamos ao serviço da comunidade, sobretudo dos que mais precisam, como qualquer carisma ou dom e o oferecermos ao Senhor do poder e da glória, realizando, com exatidão e espírito sobrenatural, o dever que nos destinou. O cristão não pode dormir tranquilamente, não pode descansar, enquanto não tiver consagrado todas as realidades da vida ao dador de todos os bens.

Assim caminha-se para Deus através da vida profissional, interessando-se pela defesa dos clientes, se é um advogado; executando com todo o cuidado e esmero uma intervenção cirúrgica, se é um médico; tendo cuidado com todos os pormenores dum traçado de desenho, se é um arquiteto; planificando as aulas e dedicando-se aos alunos, se é um professor; proclamando a palavra e realizando com perfeição os gestos sagrados, se é um sacerdote.

O pincel do pintor, a máquina do engenheiro, a vassoura do varredor, a enxada do trabalhador rural, tudo pode e deve ser integrado no plano da nossa santificação até à união com Deus.

A atividade profissional não pode ser, para o cristão, apenas um modo de ganhar dinheiro, mas um meio de unir a nossa vontade à vontade de Deus, de realizar a conjunção de Deus com o mundo, sentindo Cristo em todas as coisas,

O Pentecostes acontece, quando cada um pode exprimir-se na sua própria língua e ser escutado e entendido, em liberdade usada conscientemente. Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade» 2 Cor. 3, 17

Não resistamos aos apelos e inspirações do Espírito Santo, pois o «Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» Rom. 8, 26-27, até que surja uma nova terra, que para todos seja um novo céu, na caridade e no amor, na união e respeito pelas diferenças integradas no seio da grande família dos filhos de Deus.

## Vida Cristã

Chama-se vida cristã, porque foi restaurada em Cristo. O homem, pelo amor de Deus, foi criado num estado de justiça original, tesouro que, segundo a Bíblia, o pecado do primeiro par humano dilapidou, arrastando, na desgraça, a sua descendência.

Toda esta riqueza foi recuperada e restaurada em Cristo. «Cristo morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si; mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou», 2 Cor. 5-15.

Cristo, com a sua paixão e morte «anulou o documento», suprimiu a distância entre o homem e a justiça original, em que fora criado. Cristo reintegrou-nos na vida que perdemos pelo pecado de origem, dando-nos a graça santificante, para nos tornarmos filhos de Deus e herdeiros do céu.

A mesma vida divina que, do Pai deriva para o Filho e que do Filho se derrama sobre a humanidade de Jesus, passará a todos aqueles que n'Ele acreditarem. Cristo é um mistério de vida recebida e comunicada. Recebida no seio de Deus pela geração do Filho e comunicada fora de Deus pela encarnação do Verbo a toda a humanidade.

A graça, além de ser um valor sustentado, é um valor acrescentado, pois Jesus introduziu a graça no tempo, chegando a garantir que os seus discípulos farão ainda coisas maiores que Ele próprio.

Tudo foi recapitulado em Cristo. O Salvador reconciliou a humanidade com Deus, elevando-a à ordem sobrenatural, donde caíra com a primeira desobediência.

Cristo é o novo Adão e a sua obra redentora restaura tudo numa ordem renovada e reconciliadora.

Só Cristo é espírito e vida e só Ele tudo vivifica, S. João 6, 64, «Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá» Jo. 11, 25

Cristo aparece na história como Aquele que dá a vida (Jo. 5, 21; I Cor. 15, 45)

Adão foi um princípio de vida natural, Cristo foi princípio de vida sobrenatural. Pelo primeiro veio a condenação, pelo segundo veio a salvação. Tudo o que se perdera em Adão é restaurado em Cristo. Por isso, está escrito: «O primeiro homem, Adão, foi eleito alma vivente; o último Adão é um espírito vivificante».

«Não é o espiritual que vem primeiro, é o natural; o espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; o segundo veio do céu» 1 Cor. 15, 45-48.

Cristo é o salvador prometido, o Servo de Javé, no qual Deus se revê e põe todas as suas complacências e enlevo, segundo as teofanias do Batismo e da Transfiguração.

Jesus Cristo é o centro da nossa vida em graça, não só porque nos trouxe a vida eterna, mas também porque mora pessoalmente em nós e em nós é verdadeiro e indefectível princípio de vida, segundo se lê na carta aos Efésios, 3. «Se Cristo habita em vós, embora o vosso corpo seja mortal por causa do pecado, o espírito permanece vivo por causa da justiça». Rom. 8, 8-11. Esta nova condição de filhos de Deus pela vida, que o Senhor nos transmite através do Espírito, é designada pelo Apóstolo Paulo na Epístola aos Romanos 8, 8-11, pelas expressões «Viver em Cristo» ou «no Espírito»: Cristo vive em nós: «Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim», diz S. Paulo.

«Permaneci em mim como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto, por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim... Meu Pai é glorificado, quando produzis muito fruto e vos tornais meus discípulos...Fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça.» Jo.15, 4-16. Podemos experimentar, aparentemente a ausência de Deus e começar a procura D'Ele na desolação e no sofrimento. No entanto, o facto de O procurarmos parte da iniciativa divina, é graça, é dom. Nós não procuramos a Deus, se não tivéssemos sido procurados e encontrados por Ele. «Se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os construtores».

## **Filiação Divina**

Só Deus tem a vida por essência e só o Verbo, que depois assumiu a nossa humanidade, é Filho de Deus por natureza. O Pai comunica todo o seu ser, toda a sua substância ao Filho, que foi gerado, desde toda a eternidade, no seio da Trindade Santíssima.

discípulos, acrescenta: «Aqui está a minha mãe e os meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, a minha irmã e minha mãe» Mat.12, 49-50.

Para Cristo o parentesco do sangue está num plano inferior ao parentesco espiritual da filiação divina. O próprio Senhor é o «primogénito entre muitos irmãos» Rom.8,29, pois nascemos do mesmo Espírito do qual nasceu Jesus Cristo. Por isso, nós podemos rezar constantemente com Ele a oração que nos ensinou: «Pai Nosso que estais no céu»

Se somos filhos do mesmo Pai, que está nos céus, também somos irmãos dos outros. Comunhão dos santos. As primitivas comunidades organizavam-se com alegria e simplicidade de coração, sem qualquer base de apoio económico, social e cultural. Os que chegam, cada dia, entram e formam as comunidades, vindos inesperadamente dos lugares mais diversificados.

A palavra irmão anda mal tratada, em muitos lugares. Não tem o mesmo sabor que lhe transmitiam os lábios de S. Francisco de Assis, a expressão humana mais próxima de Cristo.

Neste sentido, S. João de Deus conhecia, melhor que ninguém, a força redentora desta palavra-chave, que tocava os corações e abria as mãos num gesto de generosidade, ao pedir esmola, pelas ruas de Granada: «Irmãos, fazei bem a vós mesmos»

## Amigos de Deus

O homem aparece num estado de intimidade com Deus, segundo o livro de Génesis. O pecado arrefeceu esse relacionamento amistoso. Pela justificação, o homem reencontra-se com a amizade do Senhor. Não é um simples perdão dos pecados, mas a renovação interior, de tal forma que o homem de injusto se faz justo, de inimigo se torna amigo e doméstico de Deus, segundo o Concílio Tridentino.

«Cada virtude precisa apenas de um homem, mas a amizade precisa de dois», Montaigne, pois a amizade é uma afeição mútua entre duas ou mais pessoas que desejam e procuram fazer o bem umas as outras.

A amizade funda-se num amor mútuo de benevolência, que pressupõe uma certa comunicação e circulação de vida. Pela graça tornamo-nos participantes da vida de Deus, entramos na corrente de caridade, pela qual Deus nos ama e nos devolvemos em amor.

Nesta reciprocidade de vida e sentimento, consiste a amizade. «Serei meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, mas amigos pois tudo aquilo que ouvi do Pai vos transmiti» Jo. XV, 13-15.

Orgulhamo-nos de ter grandes amigos, amizades poderosas, influentes. Deus está acima de todos os senhores e, pela amizade, que nos dedica, até certo ponto, nivela-se connosco, embora permanecendo infinito, imenso, incomensurável. Somos elevados até ao nível de Deus, mas, usando da imanência, não esqueçamos a transcendência. Deus será sempre o «inefável».

«Se uma alma começa a preocupar-se com o problema de Cristo, diz o Padre Hornaert, está bem. Se O admira como o maior vulto da história, melhor ainda. Se vê n'Ele o homem Deus, entrou na verdade, mas ainda lhe falta um grande passo a dar é dizer consigo mesma: este homem é meu amigo. Sem esta última consideração, teremos um Deus teológico, transcendente, racional, científico, mas um Deus longínquo, distante, frio, o Deus do Sinai.»

Deus podia olhar-nos por cima dos ombros, com ares de superioridade, porém quis levantar a sua tenda, no meio de nossas casas, fazer-se nosso vizinho, companheiro e amigo, sofrendo e alegrando-se connosco, partilhando anseios e confidências.

«Eu tenho um amigo que me ama» ao qual posso abrir o meu coração, contar-lhe as minhas preocupações e pedir o que preciso.

Para quem não tem um amigo, a vida é um fardo, diz Sto. Agostinho. «Sem um amigo ninguém vive feliz». Imitação de Cristo. «Quem encontra um amigo, encontra um tesouro» Ecle. 6-14

«Oxalá não ames nem sejas amado» era uma das pragas entre os pagãos.

O filho de Napoleão Bonaparte, o pequenino rei de Roma, estava vestido a primor. A mãe demorou tanto a arranjar-se que o menino teve tempo para se envolver, com outros catraios, na lama do caminho. Assim enlameado apareceu na presença da mãe, a pedir um bocadinho de chocolate. - «Achas que estás em estado de me pedir alguma coisa?», diz a imperatriz.

A amizade pode resfriar e até desaparecer.

A amizade natural baseia-se apenas em motivos humanos: simpatia, relações frequentes, qualidades físicas, benefícios recebidos, sentimentos. Esta amizade é frágil, como aconteceu a Job e ao Filho Pródigo, cujos amigos desapareceram, quando a adversidade surgiu. Neste momento, não sentimos coragem de bater à porta do nosso antigo amigo, a mendigar os favores do costume.

À luz de Deus, o homem reconhece, então, que merece castigo. Porém Deus não castiga, apenas aplica a sua justiça e amor. Deus continua a amar. Quando todas as portas do mundo se fecharem, Cristo estará sempre de braços abertos para acolher, ainda que seja o príodigo mais ingrato, de regresso, à casa paterna e amizade do Pai. À porta de Deus todo o universo é mendigo. Como a amizade entre David e Jónatas, entre S. Basílio e S. Gregório, quando

## Autêntico ideal de santidade

Todos estes homens e mulheres podem ser saudados como S. Paulo saudava os coríntios: santos dos nossos dias, santos modernos, talvez com mais categoria ainda.

Os santos de hoje não são diferentes dos santos de outrora, nós é que temos de modificar o nosso modo de conceber os santos. É por isso mesmo que não chegamos a distinguir os santos de hoje. Talvez nem cheguemos a ver os santos doutra época qualquer, porque nos habituámos a caricaturas.

Os santos são todos iguais no essencial, por mais diferentes que nos pareçam uns dos outros aos nossos olhos desatentos. O essencial da santidade não está em escolher o deserto como os anacoretas, Santo Antão, São Jerónimo ou os santos da Tebaida; não está em alimentar-se de ervas amargas como os videntes de Fátima; não está em refugiar-se nos mosteiros; em pregar às almas e aos ventos com a garganta em brasa, como Sto António, no alto das montanhas.

O essencial da santidade é a caridade numa referência a Deus e ao próximo. Aquilo que justifica o homem e o torna autêntico, aquilo pelo qual um libertino, se transforma num Sto Agostinho, que, ao encontrar a pedra preciosa, de que nos fala o Evangelho do Senhor, deixa tudo para consegui-la e jamais a perder; aquilo pelo qual uma prostituta, se transforma, aos pés de Cristo, numa Santa Maria Madalena, perante a qual, agora, os homens dobram os joelhos com respeito e veneração; aquilo que faz com que um ladrão se transforme num homem honesto e justo, a ponto de ouvir, à última da hora, as palavras consoladoras de Deus: «Hoje estarás comigo no paraíso», aquilo que justifica o homem e o torna santo é a vida de Deus, que, por isso, se chama graça santificante.

A santidade é o mistério da graça, semente de vida lançada no espírito humano, realidade intrínseca, ação de Deus, que transforma o ser, infundindo-lhe um vigor novo e capacitando-o para realizações sobrenaturais. Mistério pascal, morte e ressurreição, vida nova.

A ressurreição e a vida excluem a morte. «Éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor» II Cor.VI,14. Duas realidades opostas: a luz, por sua natureza, dissipa as trevas; a vida exclui a morte, a ressurreição exclui a sepultura.

Tudo isto é a justificação: «Revesti-vos do novo homem, que segundo Deus, foi criado na justiça e na santidade da verdade» Ef. IV, 24.

A graça de Deus não é privilégio ou monopólio de uma casta ou de uma aristocracia espiritual, mas é para todos os homens, é uma vocação universal. A Santidade consiste em viver plenamente a humanidade de cada um. «É um dado natural, insere-se no crescimento e valorização cultural da humanidade». Quanto mais santo mais humano e vice-versa. Os santos devem ser os artificios da cultura, tornando-a cada vez mais humana. A santidade está ao alcance de tudo e está mesmo ao alcance de todos e até daqueles que não são rotulados declaradamente de cristãos, mas vivem na prática da justiça, da honestidade e do bem-fazer, de acordo com uma consciência reta e os ditames de uma natureza em harmonia. São os cristãos inconscientes a que se refere Carl Barth. Basta despertar-lhes a consciência para a realidade das suas vidas, basta dizer-lhes que isso mesmo que eles fazem, o faria Cristo, se estivesse no seu lugar.

Santo é aquele que se determina pelo bem, pelo justo, pelo verdadeiro e pelo belo. O Deus verdadeiro é o que transforma as pessoas.

Homens, sede homens, dizia Paulo VI, em Fátima. O santo é acima de tudo, homem, homem com letra maiúscula configurado com a imagem de Deus. Onde quer que vejamos um homem autêntico, aí temos um santo ou, pelo menos, um possível santo.

A graça pressupõe a natureza. Para ser santo é necessário ser um homem digno, homem autêntico e quanto mais homem mais santo se é.

Não dissemos «homem Cristão», pelo menos no sentido vulgar em que é usada esta palavra, porque, se o disséssemos, deixaríamos, à margem, um número considerável de santos dos nossos dias, um bom número de homens, que, aparentemente, não têm a nossa religião, aquela em que, ainda se veneram os santos.

Ser homem supõe um sentido e uma prática da justiça, de harmonia com a razão e consciência bem formada. É esse até o único elogio que, no Evangelho, se faz do esposo da Virgem Maria: «Era um homem justo». Esse homem justo chamava-se José, um homem vulgar, um trabalhador manual, casado com uma donzela da sua condição. Pelo seu modo de ser, pelo seu ofício, pela posição social não se distingue dos seus vizinhos ou dos seus companheiros de trabalho.

Era simplesmente um homem justo, entre outros homens justos da sua cidade e do seu tempo. José é conhecido como santo; os outros, sendo santos, não emergiram da obscuridade, essa obscuridade da qual é tirado José pelas circunstâncias especiais, referidas no Evangelho.

Assim acontece, nos nossos dias. Muitos santos vivem a nosso lado, sem que nos apercebamos disso.

O santo não proclama a sua santidade, mas é como a violeta humilde, que não passa despercebida, fazendo-se notar àqueles que têm capacidade de senti-la e de vivê-la.

## Caminhos diferentes para o mesmo destino

Não existe santidade nem santificação uniformes, Deus, quando faz um santo, rasga o molde. Cada um tem uma vocação especial, é chamado por Deus a uma perfeição própria e para a qual Deus dá os meios necessários. Sto Antão embrenha-se no deserto a batalhar com o demónio. S. Bento José Labre faz-se mendigo, esmolando de porta em porta; Hamarsjold, secretário-geral da ONU, diplomata e místico, trazia a Imitação de Cristo, no bolso. Cada um é santo à sua maneira.

A mãe de família não pode acomodar a sua vida a um regime conventual. Há uma perfeição laica e há uma perfeição religiosa. Dar ao Senhor não aquilo com que sonhamos, mas aquilo que Ele nos pede.

Não devemos oferecer a Deus aquilo que Ele não pede, mas aquilo que Ele espera da nossa educação, da nossa condição social, do nosso ofício, da nossa saúde, do tempo de que dispomos, do nosso temperamento natural.

Temos de contentar-nos com o trabalho modesto, com a mortificação obscura, com a homenagem humilde, pois parece que nunca estamos satisfeitos no lugar e circunstâncias, em que o Senhor nos colocou.

Devemos dar a Deus, sem vacilar, aquilo que Ele nos pede em renúncia e possibilidades de sacrifício. Cristo manda-nos segui-lo, não prendê-lo. «Quem quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me».

Só dentro dos limites desejados pela Providência, é possível a perfeição.

Preocupado vivia o pedreiro chinês, reza uma lenda milenária. Passou junto dele o cortejo imperial. O pedreiro, atónico exclama: «Se eu pudesse ser imperador...» Transformou-se no imperador. Sentado no trono, o sol atormentava-o. Porque o sol era mais forte que ele, desejou ser o sol. Uma nuvem intercepta os raios. Quer ser nuvem, para derramar sobre a terra catadupas de água, mas um penedo enorme põe-se no caminho inamovível. Deseja ser pedra, mas o homem desfaz o penedo com um pico.

Deseja então ser pedreiro e, naquele momento, voltou à forma primitiva.

Não nos preocupemos, ocupemo-nos. A ocupação anestesia as dores da alma. Cumpramos e ocupemo-nos no lugar e no momento em que Deus nos colocou. O Senhor, se estivesse no nosso lugar, não faria outra coisa. D. Bosco pergunta a Domingos Sábio o que faria, se soubesse que iria morrer nesse dia: - Continuaria a jogar a bola, pois a minha equipa está a perder.»

Deus não chama todos os homens ao estado de perfeição (entre aspas) mas chama cada um à perfeição do seu estado.

Muitos dividem os homens em dois grandes grupos: ao primeiro pertencem aqueles que têm vocação e força para serem santos e são os que seguem a vida religiosa ou sacerdotal.

Ao segundo grupo pertencem aqueles que não têm vocação e força para serem santos e são os que se casam.

Isto é um erro, pois apenas há uma categoria, à qual pertencem todos os homens, pois todos são chamados à santidade e a todos Deus dá forças necessárias para alcançá-la.

O fim é o mesmo para todos: a santidade, mas os caminhos que levam a ela são distintos. Uns seguem a vida religiosa, celibatária, sacerdotal, monástica, outros a vida matrimonial.

Por isso, os casados têm uma vocação Santa e Santificadora, apesar do conceito de que o matrimônio não é um estado tão perfeito como a consagração religiosa e que fica como que a meio pau entre Deus e o Diabo. E, apesar de a vida sacerdotal, celibatária, monástica ser tida como estado mais perfeito, nada impede que os casados possam ter um grau de santidade superior. O Bem, a Justiça, a Verdade, a Beleza não são valores procurados e vividos por todos com a mesma intensidade. A santidade não se mede aos palmos.

Há diferença entre os que receberam cinco talentos e os que só receberam um talento. Não existe diferença de natureza, mas de grau, pois a vida é a mesma, mas é participada em graus diferentes.

Além disso, há pessoas que optaram por Deus e são coerentes com a sua fé, colocando ao serviço da graça todas as qualidades humanas. Toda a vida é informada pelo Espírito Santo, são os santos realizados em crescimento.

Há outros que não tomaram uma decisão e são os Santos em potência. Os santos canonizados são os chefes de fila, os mais graduados.

O uso estabeleceu que se reserve o título de Santo àqueles que deram provas evidentes e incontestáveis de santidade e que a Igreja nos apresenta como modelos por terem realizado aquilo que todo o cristão podia conseguir, se tivesse consciência da sua vocação.

O significado canônico ou eclesial da palavra «santo» refere-se àquela pessoa que a autoridade reconhece como possuidora da glória de Deus, porque, numa forma heróica e constante, lutou para que a graça nela não fosse em vão, mas triunfasse no seu ser e obras.

A igreja não é um museu de cânones e dogmas devidamente catalogados e arrumados nas prateleiras numa burocracia centralizada. Cristo não é uma múmia à guarda numa autoridade rigorosa.

sempre. «Quem provar desta água não volta a ter sede». A samaritana apresentou o cântaro vazio numa fonte de água viva, que jorra para a vida eterna, sentindo-se realizada e feliz.

«A oração verdadeira é uma forma de viver e a vida mais autêntica é uma maneira de orar.», Alexis Carrel.

Não me apetece rezar... Também não me apetece comer, mas tenho de comer, caso contrário morro.

«Orar de manhã e viver o resto do dia como um bárbaro é um contrassenso.» Alexis Carrel.

«Quem sabe orar bem, sabe viver bem», diz Sto. Agostinho.

Orar é oferecer a vida ao serviço do Senhor, é entregar-se, como a Samaritana, a todas as atividades sob o olhar de Deus, pedindo-lhe que as torne fecundas.

Orar é viver na presença de Deus e despertar a consciência para essa presença em cada um de nós. Deus não é um ser distante, ao qual prestamos culto, aos domingos e dias santos, depois, na sociedade, na fábrica, na família, não se fala mais d'Ele. Deus, pela graça, está dentro de nós mesmos, n'Ele existimos, vivemos e nos movemos.

Não se ora só para que Deus se lembre de nós, mas também para que nós nos lembremos d'Ele, devolvendo-nos em agradecimento e louvor pelo dom recebido. «Pensa em Deus mais vezes do que respiras», Epíteto, para teres vida com abundância.

Há um esforço grande para que a oração apareça aos homens atuais como essencial ao cristianismo e com um significado vital na história humana.

Max Thuriam, irmão de Taizé, diz que a oração deve ser para o homem dos nossos dias «Como o esforço de comunicação consciente com Deus. Ela não é, primeiramente, uma requisição para que Deus satisfaça as nossas necessidades materiais; ela é uma contemplação de Cristo, a fim de que nos disponha a colaborar com Ele na salvação do mundo».

A oração tem de encarar-se sempre a partir de uma relação pessoal com Deus, a descoberta de Deus como uma pessoa, pai amoroso, providente e bom, que permanentemente pensa em nós, que nos ama sem limites a ponto de nos dar o seu próprio Filho, «quando ainda éramos pecadores», Rm. 5,8, que sacrifica a vida na ignomínia da cruz e perdoa, sem condições, ao pródigo e àqueles que Lhe causaram a morte; que mexe com as veras mais profundas do ser humano e determina um relacionamento consciente e pessoal com Ele. Esta oração desperta em nós a intimidade, a confiança e entrega, envolvidos pelo carinho e amor paterno - maternal de Deus, como referiu João Paulo I. O amor de Deus, Pai amoroso e Providencia infinita, é a grande realidade histórica onde se encontra a salvação.

Jesus tinha acabado de orar, como refere S. Lucas, quando um dos discípulos lhe formula o seguinte pedido: «Senhor, ensina-nos a orar...».

Jesus responde-lhe com a oração do «Pai-Nosso», na qual nos ensina a atitude que devemos ter na oração.

O Deus do Sinai, em cuja presença permaneceu Moisés, durante quarenta dias, infundia certo pavor, era um Deus distante, apesar das suas intervenções na vida daquela gente. «Fala-nos tu, mas que não nos fale Deus», dizia Israel a Moisés. «Tira as sandálias dos pés, porque a Terra que pisas está santificada com a minha presença», foi a voz saída da sarça ardente perante Moisés, que se manteve à distância. É que ninguém pode ver a Deus e continuar vivendo. O sentimento religioso do homem, de respeito e apreensão, situou a divindade demasiadamente longe, “nos céus”, inacessível, sentada num trono, onde dificilmente se chegava e, quando isso acontecia, era com receio e temor reverente, como Ester perante Nabucodonosor.

Cristo veio ensinar-nos uma atitude de amor, confiança e proximidade, para sentirmos como «Pai», Pai nosso, a esse Deus que sempre teimávamos em colocar à distância, lá em cima, «nos céus».

Isto é o mais simples e o mais profundo que os discípulos puderam aprender dos lábios de Jesus. Chamar a Deus como Pai é a atitude fundamental dos cristãos. Pai nosso, Abbá, meu pai, paizinho, papá, é a imagem de Deus, revelada por Jesus de Nazaré.

Jesus ensina-nos a pedir o que é essencial na vida: - este Deus que é um Pai que nos ama e atua em nosso favor, seja conhecido e louvado por todos.

Orar é conversar com Deus, Pai bom e amoroso. Experiência inefável que leva à adoração, ao silêncio e ao gozo espiritual, à contemplação na magnificência das suas obras e na imensidade da sua misericórdia. Nunca a oração é matar o tempo, inutilmente, numa cavaqueira estéril.

Dada a nossa pobreza e limitações, sentimos mais vivamente a agonia do sofrimento do que o esplendor de Deus e a liberalidade das suas munificências. Por isso, somos mais inclinados à súplica do que à adoração, agradecimento e louvor.

A oração é, acima de tudo, união e comunhão com Deus, expressão de confiança filial ao Pai comum. Pela oração despertamos a nossa consciência para uma realidade que está sempre presente na nossa vida diária, mas que nos passa despercebida, Deus. É, nesse momento de intimidade com Ele, que reconhecemos a sua presença amiga, a nosso lado e dentro de nós, para nos falar e acolher.

Orar é encontrar-se com Deus, não só para falarmos das nossas necessidades, que Ele conhece melhor do que nós, mas, acima de tudo, para ouvir, escutar o Senhor que nos diz palavras de paz, de amor e perdão, de alento e conforto. O Evangelho fala de duas mulheres: Marta, excessivamente, atarefada com o trabalho e Maria, atenta ao Senhor, escuta e recolhe no coração. O Senhor não recrimina Marta, mas louva a Maria: «Maria escolhe o melhor». O coração também tem ouvidos e razões.

Orar é um místico encontro da criatura com o Criador, é um ato de adoração,

A oração de petição ou súplica continua válida, atendendo às nossas necessidades, à promessa e solicitude da Providência para conosco, o que faz de nós uns inveterados pedinchões, marcados, como estamos, pelos seguintes aforismos: «Quem pede sempre alcança», «Quem não chora não mama».

Esta é uma verdade maravilhosa do nosso sistema religioso.

Ensina o Doutor Angélico que ninguém, justo ou pecador, tem o direito de esperar de Deus qualquer ajuda, a não ser pela oração. Deus nada nos deve por justiça, mas só por fidelidade à sua promessa e por misericórdia. Desta maneira, Deus obriga-nos a reconhecer a nossa absoluta dependência d'Ele, como criaturas perante o Criador. E como criatura perante o Criador, o homem dobra os joelhos, curva a cerviz em adoração, louvor e agradecimento, abismado na grandiosidade e misericórdia do autor dos seus dias e dador de todos os bens. «Curva a cabeça, Cicambo, queima o que adoraste e adora o que queimaste», dizia S. Remígio a Clóvis, chefe dos francos.

O homem é uma simples criatura, em total dependência, porque não tem em si quanto lhe baste. A nossa insuficiência e necessidade de viver levam o homem a uma abertura total ao Infinito, a clamar do abismo da sua miséria, a implorar, a pedir o auxílio do Criador, em cuja dependência se encontra, para a sua plena realização.

Quando em 1787, 55 americanos, chefiados por Washington, deliberaram sobre a independência dos Estados Unidos, o velho Franklin levanta-se e diz: «Se Deus governa e nele reside o destino das coisas e dos homens, se a morte dum passarito está debaixo da sua providência, poderá elevar-se um império sem o seu auxílio? Rezemos, pois, pelo futuro da nossa pátria e bom resultado do nosso trabalho.»

E aqui está a necessidade da oração. Aliás a oração, no seu aspeto de súplica, desempenha, entre os homens, um papel importante e necessário. Até costuma dizer-se que nada se consegue sem pedidos. É a força da cunha. O homem é, por natureza, um mendigo: só encontra depois de ter procurado e recebe, depois de ter pedido.

Deus quis que esta mesma lei da oração, que preside a todo o relacionamento humano, se aplicasse também às relações da criatura com o Criador.

«Deus quer ser coagido, movido, importunado», diz S. Gregório. Jesus convida-nos à oração de petição: «Tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, Ele vo-lo concederá», Jo 15,16; «Procurai e achareis», Mt 7,7; quem procura sempre encontra; «Batei e abrir-se-vos-á», «Pedi e receberéis» Mc 11, 24; «Pedi e receberéis e a vossa alegria será completa, pois, até agora, nada pedistes em meu nome», lê-se em S. João.

«A oração é uma rainha que tem sempre acesso à presença do rei e pode obter quanto pede», Sta. Teresa do Menino Jesus.

O próprio Jesus formulou vários pedidos ao Pai: «Meu Pai, se é possível, afasta de

## Índice:

Prefácio	7
<b>Parte I:</b>	
Notas introdutórias	9
Fonte de Água Viva	13
A Fé é a Vida	20
Essência do Cristianismo	22
Projeto de Vida	29
Vida Sobrenatural	33
Natural e Sobrenatural	41
Corpo e Alma	44
Construção do mundo	53
Igreja e o mundo	56
Pecado ecológico	63
Recuperação possível	75
Integração no Plano Salvador	81
Sobrenaturalização	83
Único grande valor	86
Vida interior	89
Exteriorização e dinamismo interior	95
Ação do Espírito Santo	98
Pentecostes da Nova Aliança	102
Templos de Deus	109
Carismas	113
Vida Cristã	117
Filiação Divina	118
Amigos de Deus	123
Santidade ontológica participada	125
Resposta heróica, atemporal	128
Caricaturas idealizadas	134
Autêntico ideal de santidade	138
Caminhos diferentes para o mesmo destino	143
<b>Parte II</b>	
Dom Permanente	147
Crescimento na Fé	148
Meios de Crescimento e Perseverança	153
Missa e Comunhão	158
Visita ao Santíssimo Sacramento	163
Oração	168
Dimensão Missionária da Oração	175
Petição ou súplica	178
Possíveis Desvios	190
Oração contemplativa, a nível da natureza	195
Oração contemplativa, a nível dos sentimentos	208
Beleza que salva	213
Insensibilidade perante a beleza	220
Transcendência e imanência	223
Terço do rosário	228

Meditação e Estudo	229
Oferecimento das Obras do Dia	231
Exame de Consciência	234
Confidência	235
Índice	237